



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO EDUCAÇÃO-CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RENALLY OLIVEIRA CANDIDO

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E OS DESAFIOESCOLARES DA
INCLUSÃO**

**CAMPINA GRANDE
2022**

RENALLY OLIVEIRA CANDIDO

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E OS DESAFIOSESCOLARES DA
INCLUSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Livânia Beltrão Tavares

CAMPINA GRANDE-

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C2171 Candido, Renally Oliveira.

Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os desafios escolares da inclusão [manuscrito] / Renally Oliveira Candido. - 2022.

39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Livânia Beltrão Tavares ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Transtorno do Espectro Autista - TEA . 2. Inclusão escolar . 3. Relação família-escola. 4. Autismo. I. Título

21. ed. CDD 371.9

RENALLY OLIVEIRA CANDIDO

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E OS DESAFIOS ESCOLARES
DA INCLUSÃO**

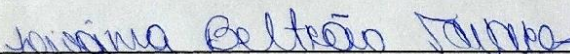
Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado ao curso de
Graduação em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba em
cumprimento à exigência para obtenção
do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração:

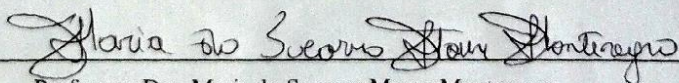
Desenvolvimento e Aprendizagem

Aprovada em: 24/11/2022

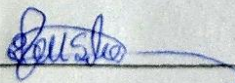
BANCA EXAMINADORA



Professora Dra. Livânia Beltrão Tavares
Universidade Estadual da Paraíba UEPB



Professora Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba UEPB



Professora Dra. Valdecy Margarida da Silva
Universidade Estadual da Paraíba UEPB

A Deus, por me ter presenteado com este curso e me sustentado até aqui, a meu esposo, pais, irmãs, amigas, por todo incentivo, ajuda e compreensão; aos professores/as por todo conhecimento e dedicação, ao motorista do ônibus ao qual venho à Universidade desde o primeiro dia de aula por todo cuidado, zelo e carinho e por último, mas não menos importante, a meus amados sobrinhos ao qual tenho o privilégio de compreendê-los por meio deste curso.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me sustentar até aqui e por ter me dado sabedoria, a Prof.^a Dra.^a Livânia Beltrão Tavares pela orientação e dedicação, aos meus queridos pais, irmãs, esposo, sogra (*in memoriam*), por todo incentivo, compreensão e ajuda e aos colegas e amigos/as de curso pelo o apoio e companheirismo.

“Somos diferentes em tudo e essas diferenças nos fazem semelhantes, não são elas que limitam ou dificultam nossos avanços.”(BRAGA, 2020, p. 2)

RESUMO

O tema Autismo vem ganhando cada vez mais força no contexto atual como um todo e tem se tornado um assunto muito discutido, principalmente no âmbito educacional, porém ainda é pouco compreendido em todas as esferas. Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar o Transtorno do Espectro do Autismo, suas causas, principais características e os desafios enfrentados no contexto escolar, tanto para as crianças com espectro autista quanto para os/as docentes, além de relatar a necessidade da inclusão das mesmas e a importância da parceria da escola com a família, pois a união dessas duas instituições será fundamental para que esse trabalho triunfe e assim a criança com o diagnóstico de TEA seja beneficiada não só na sua vida escolar. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, que utilizou como recurso a pesquisa bibliográfica. Dessa forma, percebemos que essa temática é muito significativa e precisa muito ser estudada na Educação, especialmente na Infantil, sendo ela o pilar da vida dos/as pequenos/as. Este estudo será de grande interesse para futuros pedagogos/as e profissionais da área da educação, que ao se depararem com crianças com transtorno do Espectro Autista saberão identificar, orientar a família a buscar intervenções precoces e usar isto a seu favor na hora de trabalhar com essas crianças, tornando assim o trabalho mais fácil para ambas as partes, e igualmente para os pais de crianças com autismo que entendendo seus/suas filhos/as poderão ajudar no processo educacional e desenvolvimento dos/as mesmos/as e para tal nos apoiamos na abordagem de Sita (2020), Whitman (2015), Júnior e Kuczynski (2015), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista– TEA. Inclusão escolar. Relação família - escola. Autismo.

ABSTRACT

The theme of Autism has been gaining more and more strength in the current context as a whole and has become a much discussed subject, mainly in the educational field, but it is still little understood in all spheres. Therefore, the objective of this study is to analyze the Autism Spectrum Disorder, its causes, main characteristics and the challenges faced in the school context, both for children with autistic spectrum and for teachers, in addition to reporting the need for inclusion of them and the importance of the school's partnership with the family, as the union of these two institutions will be fundamental for this work to succeed and thus the child diagnosed with ASD to benefit not only in their school life. This is a descriptive study, with a qualitative approach, which used bibliographical research as a resource. In this way, we realize that this theme is very significant and needs to be studied in Education, especially in Kindergarten, as it is the pillar of the lives of the little ones. This study will be of great interest to future pedagogues and education professionals, who, when faced with children with Autistic Spectrum Disorder, will be able to identify and guide the family to seek early interventions and use this to their advantage when working with these children, thus making the job easier for both parties, and equally for the parents of children with autism who, by understanding their\their children\as, will be able to help in the educational process and development of\themselves\as and for that we rely on approach by Sita (2020), Whitman (2015), Júnior and Kuczynski (2015), among others.

KEYWORDS:Autism Spectrum Disorder - ASD. School inclusion. Family relationship - school. Autism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDI - Centro de Controle de Doenças e Prevenção

DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU- Organização das Nações Unidas

OSS - Organizações Sociais da Saúde

PNE- Plano Nacional da Educação

TEA - Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DEFININDO O TEA	10
2.1 Entendendo o TEA	10
2.2 Causas do TEA	11
2.3 Principais características do TEA e seus desafios	15
3 A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA	18
3.1 A família e a importância da parceria entre escola e família	18
3.2 A escola e a preocupação com a qualificação dos/as docentes	20
3.3 A dificuldade enfrentada pelas crianças e os/as professores/as na aprendizagem e na inclusão das mesmas no contexto escolar	21
4 METODOLOGIA.....	24
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho discutiremos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as dificuldades que crianças com esse quadro enfrentam no processo educacional, visto que essas crianças têm grandes dificuldades de aprendizagem e adaptação quando chegam ao ambiente escolar, por motivos que muitas vezes não são compreendidos pelos educadores.

Muitas não gostam de barulhos, têm dificuldades em se adaptar em ambientes novos, em socializar, seguir regras, dificuldades cognitivas, de aprender a utilizar as palavras corretamente, de se comportar como uma criança típica, entre outras. Dado que elas já entram no contexto escolar com dificuldades. O pouco entendimento e o preconceito ainda existente por parte da família, escola e professores por não terem conhecimento do assunto dificulta ainda mais a adaptação e inclusão das crianças com autismo no ambiente escolar.

Por essas peculiaridades, compreendemos as dificuldades enfrentadas por todos que convivem com autistas, pois, na maioria das vezes, as crianças com TEA apresentam comportamentos que não condizem com as ações comportamentais de crianças típicas. Assim, vale salientar que é de extrema necessidade o apoio de profissionais capacitados que ajudem no desenvolvimento educacional e social dessas crianças.

Por este motivo, esse trabalho objetiva entender o TEA, quais as dificuldades enfrentadas pelas crianças que se deparam com uma realidade nova e completamente diferente da que estão acostumadas e a necessidade da parceria da escola com a família juntamente com olhar voltado para a qualificação continuada do corpo docente.

A Lei n° 12.764 (BRASIL, 2012), que ganhou vitalidade em 27 de Dezembro de 2012, proporcionou aos autistas direitos fundamentais para uma melhoria de vida, destacamos aqui a educação na escola regular e o ensino profissionalizante, o qual a escola será a base para que essas crianças mais tarde sejam incluídas neste contexto e em 2015 a Lei n.º 13.146 do Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), define o autismo como uma deficiência e garante auxílios em áreas de educação, saúde, assistência social entre outras áreas fundamentais, que promovem a inclusão. Como também a LDB (BRASIL, 1996), nos artigos 29 e 30, oferta a Educação Infantil em creches e pré-escolas para crianças com diagnóstico de autismo ou demais transtornos e no art.7º mostra que o gestor ou qualquer outra autoridade não pode negar a matrícula da criança com transtorno na escola, caso aconteça terá que pagar uma multa de vinte salários mínimos ou até perde o cargo.

Ainda mais a Lei n° 13.977, de 8 de janeiro de 2020 (BRASIL, 2020), denominada como Romeu Mion trouxe algumas modificações a Lei n° 12.764 - Lei Berenice Piana (BRASIL, 2012), ou seja inovou os direitos das pessoas com autismo; criou a carteira de identificação da pessoa com TEA e o quebra cabeça que é o símbolo mundial do autismo, que poderá ser colocado em atendimento prioritário ou para conscientizar as pessoas, tornando assim o TEA cada vez mais conhecido; essa inovação foi muito importante, tanto para a pessoa com autismo quanto para os seus familiares.

Desta forma, a escolha deste objeto de estudo partiu por ouvir um pouco sobre esse espectro na universidade; como foi bem breve e no futuro a possibilidade de trabalhar com crianças com autismo é enorme, surgiu à curiosidade e o interesse em saber como as mesmas se sentem diante da sala de aula e quais são suas dificuldades no ambiente escolar e principalmente relacionado à inclusão.

Esse trabalho está estruturado em sete partes além da introdução: na segunda buscamos entender o TEA como um todo; na terceira abordamos o quanto é fundamental que a escola e família estejam juntas para o desenvolvimento das crianças, a importância da capacitação dos professores e os desafios enfrentados pelos/as pequenos e pelo corpo docente frente a inclusão; na quarta parte, apresentamos a metodologia, onde mostramos o meio que foi feito a pesquisa; na quinta analisamos e discutimos os resultados encontrados e completamos na sexta parte expondo considerações finais e referências.

2 DEFININDO O TEA

2.1 Entendendo o TEA

O Transtorno do Espectro do Autismo, segundo o DSM-V (APA, 2013), é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos e restritos, é possível perceber nos primeiros meses de vida, contudo o diagnóstico é definido por volta dos 2 a 3 anos de idade e o predomínio é maior para o sexo masculino. “A estimativa é de 4 meninos para 1 menina com autismo; isso representa 80% dos diagnósticos em meninos”(BRAGA, 2020, p. 28).

É importante ressaltar que os conceitos de autismo foram desenvolvidos e constantemente refeitos ao longo do tempo, ou seja, o termo já passou por algumas modificações. Antes da publicação da Associação Psiquiátrica Americana, o TEA era chamado de autismo.

Essa expressão “autismo” foi utilizada pela primeira vez por Eugene Bleuler em 1911, para designar a perda de contato com a realidade com dificuldade ou impossibilidade de comunicação, comportamento esse que foi, por ele, observado em pacientes diagnosticados com quadro de esquizofrenia (AJURIAHUERRA, 1977, apud GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004).

O termo autismo foi trazido pela primeira vez na medicina pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1911) que usou para denominar pessoas que manifestavam dificuldades na interação social e na comunicação, para mais prefeririam estar sozinhas.

No ano de 1940, o psiquiatra Leo Kanner falou sobre os sintomas de crianças que pareciam “viver no seu mundinho” e que não interagiam com outras pessoas. Nessa época ele relatou sobre a concepção de “mãe geladeira”, ou seja que as mães de crianças com autismo tinham culpa dos filhos/as terem essa condição, para ele essas mães eram frias e interagiam pouco com os/as mesmos/as e essa então seria a causa.

“Autismo não tem relação com falta de atenção dos pais. Essa teoria foi defendida nas décadas de 1940 e 1960, mas não é mais aceita na atualidade. O autismo é de origem neurobiológica e associado a causas genéticas, ambientais ou multifatoriais.” (BRAGA, 2020, p.24).

Alguns anos depois Léo veio a público se desculpar pelo conceito errado que ele teve e explicou que talvez as mães fossem mais fechadas pelo fato de as crianças não responderem aos estímulos e falou que às vezes os pais apresentavam os mesmos sintomas dos filhos; surge então um motivo para pensar no desenvolvimento genético do autismo.

Em 1943, Kanner descreveu casos de 11 crianças que apresentavam comportamentos diferentes. Ele observou as características singulares no modo de como se relacionavam com outros indivíduos, definindo como Distúrbios Autísticos do Comportamento Afetivo.

Em 1943, Leo Kanner descreveu, em artigo intitulado “AutisticDisturbancesofAffectiveContact” (Kanner, 1943), onze crianças, com quadro que ele caracterizou como apresentando isolamento extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia, definindo o transtorno que conhecemos hoje, utilizando para sua designação o termo empregado por Bleuler em 1911. Entretanto, ele considerou que esse conjunto de sinais se constituía em uma doença específica que relacionou com fenômenos da linha esquizofrênica (JÚNIOR; KUCZYNSKI, 2015, p. 3).

Um ano depois (1944) Hans Asperger teve observações semelhantes às do psiquiatra austríaco e divulgou mais o autismo. Ele percebeu crianças que em seus comportamentos e habilidades demonstram falta de empatia, dificuldade de formar amizades, conversaçãounilateral, muito interesse em assuntos exclusivos e falta de curiosidade em outros e também movimentos desordenados. Intituiu o quadro de Psicopatia autista.

“Concomitantemente, em 1944, em Viena, Áustria, Hans Asperger publicou sua tese de doutorado, descrevendo quatro crianças com características semelhantes às descritas por Kanner, inclusive empregando o mesmo termo – autista, para descrever seus sintomas.” (JÚNIOR; KUCZYNSKI, 2015).

Com o surgimento do DSM, o livro que fundamenta o diagnóstico de todos os transtornos mentais, em 1952 trouxe o autismo com sintomas relacionados à esquizofrenia. Já no ano de 1980 com o DSM III os sintomas de esquizofrenia foram separados dos de autismo.

Antes por ter a repetição de palavras e frases pensavam que era alucinações, comparando então com a esquizofrenia, contudo hoje sabemos que é a ecolalia (repetição mecanicamente) e que essa comparação não tem nenhum fundamento.

O DSM IV (APA, 2002) trouxe a definição de autismo com dificuldade de socialização, comunicação e interesses restritos e estereotipados (comportamentos repetitivos e únicos). Nessa versão tinha várias possibilidades de classificação: Síndrome de rett, Síndrome Asperger, Transtorno do Espectro Autista, Transtorno desintegrativo da infância e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, todas essas possibilidades eram para introduzir pessoas com sintomas do TEA.

No ano de 2013, o DSM-V não trouxe mais diversas possibilidades de classificação diagnóstica, mas designou como TEA todas as pessoas que têm dificuldade de comunicação, interação social, interesses restritos e repetitivos, isto é que tudo isso ocorre dentro do espectro, levando assim as pessoas com esse diagnóstico a serem classificadas em 3 níveis, o leve, moderado e grave, logo as quais necessitam relativamente de pouco suporte, suporte regular e grande ajuda. Isso aconteceu pelo fato de nos Estados Unidos o Governo patrocina o tratamento das pessoas com autismo e por a Síndrome de Asperger ser um grau leve ela não recebia a atenção necessária, sendo assim não tinha o mesmo direito de uma pessoa com transtorno do Espectro Autista, para acabar, portanto, com a exclusão desse grupo em clínicas e escolas padronizou esse grupo como TEA.

2.2 Causas do TEA

De acordo com a estatística do CDI dos Estados Unidos divulgada em 2 de dezembro de 2021 (PAIVA JÚNIOR, 2021), preponderância do Transtorno do Espectro Autista é de 1 a 44 crianças e esse número vem crescendo consideravelmente nos últimos anos. No Brasil quase 2 milhões de pessoas têm TEA e ainda segundo Silva (2020) a ONU estima que haja 70 milhões de pessoas com autismo no mundo. Já a OMS (2017) afirmou que 1% da população mundial tem autismo. “O autismo é uma síndrome que atinge quase 2 milhões de brasileiros. Em crianças, o autismo é mais comum que câncer, Aids e diabetes.” (SILVA, 2020, p.1).

Como citado, percebemos que ele está cada vez mais presente em nossa sociedade, mas quais são as causas do autismo? Será que estamos fazendo algo errado? Conseguimos prevenir? Ele tem cura?

Bom, desde meados dos anos 40 a comunidade científica e a medicina vem tentando descobrir as causas do TEA; as pesquisas e o aumento dos trabalhos voltados para essas pessoas dentro do Espectro nos anos 70 e 80 colocaram o espectro como uma condição mais próxima de ter causas genéticas e hereditárias. Porém há muitas hipóteses do que “pode” causar esse transtorno além da genética,

De acordo com Braga (2020) o autismo foi incluído na psiquiatria em 1906 e a partir de então numerosas pesquisas e informações foram produzidas e outras desconsideradas, sendo assim permitindo mais entendimento sobre esse assunto na atualidade, contudo há ainda muitos mitos sobre a causa do autismo que dificultam muito a inclusão dessas crianças no ambiente escolar, como idem atrapalha o processo de intervenção, inclusão social e a evolução dos mesmos.

Muitos consideram o autismo como uma doença psicológica o que não é verdade e Braga Candido deixa ainda mais evidente quando falou que o:

Transtorno do neurodesenvolvimento: trata-se de uma condição médica que compromete o desenvolvimento do cérebro em áreas específicas durante o processo gestacional, afetando o funcionamento cerebral e causando prejuízos no comportamento, fala, comunicação e na capacidade para a socialização (BRAGA, 2020, p.23).

Já Leo Kanner (1940) pensou que a falta de amor e a desatenção dos pais seria a causa do TEA, porém essa informação também foi desconsiderada. “Autismo não tem relação com falta de atenção dos pais. Essa teoria foi defendida nas décadas de 1940 e 1960, mas não é mais aceita na atualidade.” (BRAGA, 2020, p. 23).

Entre muitos mitos sobre a causa desse espectro, a alimentação, glúten, caseína e vacina entraram como vilões, porém não existe nenhuma pesquisa que comprove isso, ou seja, não podemos considerá-los como causadores do TEA.

Ainda que alguns pensem que uma dieta distinta, com ou sem alguns nutrientes, evitará que os filhos fiquem expostos a substâncias tóxicas, as quais podem ser consideradas fatores de risco para o autismo ou encontrar-se associadas a possíveis causas, o que a criança come não causa nem reverte esse quadro. Logo, se a pessoa com autismo não apresenta intolerância ao glúten ou quaisquer alergias associadas, não há motivos para esse rigor alimentar (BRAGA, 2020, p.25).

Já a suposição da vacina aconteceu em 1998 pelo médico britânico Andrew Wakefield, o mesmo expôs o seu estudo em uma conhecida revista científica, porém mais tarde foi descoberto que ele tinha falsificado os dados da pesquisa e em 2014 perdeu o seu registro médico. “A revista Lancet publicou um artigo do cientista Andrew Wakefield, no qual afirmava que algumas vacinas poderiam causar autismo. Este estudo foi totalmente desacreditado por outros cientistas e descartado.” (AUTISMO E REALIDADE, s. d.).

Braga (2020) sublinha que a aplicação de vacinas não tem nenhuma relação com o motivo do autismo. Muitos anos se ouvia falar que a vacina contra sarampo, caxumba e rubéola, produziam anticorpos que reagem de maneira cruzada com proteínas do sistema nervoso, e por essas informações de características de autismo após a vacinação as pesquisas em relação a esse possível motivo do TEA cresceu e a Organização Mundial de Saúde requisitou as amostras desses estudos e foi visto que não tinha evidências entre a vacina com o autismo.

Madsen et al. (2002) examinaram os registros médicos de crianças nascidas na Dinamarca de 1991 a 1998, que consistia em 537.303 bebês, 82% das quais eram vacinadas. Nesta coorte, 316 crianças foram diagnosticadas com Transtorno Autista e 422 com Transtorno do Espectro Autista. Com base nas suas análises, estes investigadores não encontraram evidência de aumento do risco de autismo relacionado ao uso ou ao momento da vacinação. Há, no entanto, um risco

significativo de morte e doença quando não ocorre a vacinação (WHITMAN, 2015, p. 219).

O que sabemos hoje em relação a isto é que a genética é um fator importante na causa do autismo. De acordo com Braga (2020) a causa é neurológica e inicia no útero da mãe, não tem nada haver com fatores externos ou posteriores ao nascimento.

Sim, autismo é genético! Já foram descritos centenas de genes conhecidos ligados ao autismo, e com certeza ainda serão descritos muitos outros nos próximos anos com a evolução no conhecimento da genética humana. Não temos todas as respostas, mas já temos alguns caminhos. O principal é nunca desistir! (NEUROCONNECTA, s. d.)

Dessa forma, muitas pesquisas afirmam que o autismo existe por causas genéticas, sendo assim se alguma pessoa na família tem TEA amplia a possibilidade dos pais terem um filho com a mesma condição, igualmente nas situações que o casal tenha mais de 40 anos de idade, ou quando a mãe tenha pouca idade, pois a idade avançada ou a gravidez precoce possibilita mais riscos de erros no material genético, outros fatores são quando uma criança do sexo masculino tem TEA, pois a uma probabilidade grande da próxima criança do mesmo sexo ser autista e se a criança nasce prematura, aumenta as chances também, não só por a idade gestacional, mas idem pelas complicações depois do parto, como a dificuldade de respirar e prestar sujeita a várias infecções.

É mito acreditar que apenas um gene é responsável pelo autismo de todas as pessoas com TEA. Outro mito é achar que já que não tem outras pessoas com TEA na família, então não é genético. Nem toda alteração genética é hereditária, ou seja, passada de pai para filho (NEUROCONNECTA, s. d.).

Em relação a pais que já tenham uma criança autista, estudos indicam que há uma grande possibilidade de que os outros irmãos venham a ter o Espectro, principalmente se for do sexo masculino. De acordo com Whitman (2015), investigações feitas com os familiares apresentam também mais taxas consideradas de características autistas (problemas com interação social, dificuldade de comunicação...) nos pais e em outros semelhantes de crianças com TEA, sendo assim segundo ele quanto mais informações genéticas os indivíduos têm em comum, mais chance de compartilharem os traços do Espectro.

Estudos examinando irmãos de diferentes idades (não gêmeos) em famílias, nas quais uma das crianças é autista, também indicam uma incidência maior que a esperada de autismo nos outros irmãos: cerca de cem vezes mais provável que na população em geral (WHITMAN, 2015, p. 199).

Outros fatores considerados importantes para a possível causa do TEA são os fatores intra útero, como medicações usadas na gestação de ácido valproico que é para o tratamento de transtorno bipolar, crise de ausência, convulsões e epilepsia.

Braga (2020) defende que durante a gravidez pode ocorrer uma junção a prováveis interferências de fatores externos que são capazes de gerar mutações genéticas, corroborando para o autismo.

Esses múltiplos fatores podem estar ligados a radiação, poluição, doenças infecciosas sofridas pela mãe, uso de substâncias tóxicas e agentes químicos; são considerados multifatores de risco ou possíveis causas para o autismo e qualquer outro transtorno do neurodesenvolvimento (BRAGA, 2020, p. 25).

Além do mais, um estudo descobriu uma relação entre os níveis de estrogênio no útero e o autismo.

“Essa nova descoberta apoia a ideia de que o aumento dos hormônios esteroides sexuais pré-natais pode ser uma das causas potenciais para o problema”, disse o professor Simon Baron-Cohen, diretor do Centro de Pesquisa de Autismo da Universidade de Cambridge, que liderou este estudo. Segundo o pesquisador já está bem estabelecido que a genética tem um papel no desenvolvimento do autismo, mas agora parece que esses hormônios provavelmente interagem com fatores genéticos para afetar o desenvolvimento do cérebro fetal (UOL VIVABEM, 2019).

Contudo, os pesquisadores não têm esta causa como absoluta ou como certa, ao finalizarem o estudo afirmam: “No entanto, a equipe alertou que essas descobertas não podem e não devem ser usadas para rastrear o autismo. Estamos interessados em entender o autismo e não em meios de impedi-lo”, disse Baron-Cohen.” (UOL VIVABEM, 2019).

Em relação ao que foi falado neste tópico e comparando com a prática, percebermos que algumas crianças são prematuras e que tem o desenvolvimento típico, outras tem prematuridade e junto com o conjunto de genes herdados da mãe e do pai tem o Espectro, casos na família e o filho/a não tem nada, outras vezes sem nenhum caso e a criança tem autismo, entre outros. É necessário, portanto, destacar que são tidos como fatores principais, mas que probabilidade não é certeza; posto isto apesar de ter muitas teorias das prováveis causas não há entendimento do que de fato causa o TEA.

Há um consenso crescente de que a resposta para o que causa o autismo, em termos biológicos, não é simples. As evidências indicam que existem vários sítios neurológicos envolvidos no transtorno, sugerindo que o processo etiológico conducente ao autismo é complexo, e que este processo tem base genética, envolvendo talvez 15 a 20 genes diferentes (WHITMAN, 2015, p.221).

Precisamos estar conscientes que não temos controle sobre as causas do autismo, no entanto temos sobre a intervenção precoce e sobre o ambiente estimulante que a criança vai ter. O lugar que ela vive não vai causar autismo, entretanto de acordo com a ciência comportamental, e pode fornecer estímulos que diminuirão atrasos, prejuízos, aumentar repertórios, melhorar comportamentos e ajudar a mesma a desenvolver bem mais.

O ambiente, por exemplo, pode facilitar o desenvolvimento ao proporcionar formas e quantidades adequadas de estímulos sensoriais (som, luz, toque, etc.) e nutricionais, assim como inibir, suspender ou distorcer o desenvolvimento através de privações sensoriais e agentes bioquímicos nocivos (bacterianos, virais e tóxicos). (WHITMAN, 2015, p.234).

Ainda segundo Whitman, ambiente ajuda muito no desenvolvimento tanto da criança típica quanto da atípica; conforme ele o ambiente afeta a forma como o cérebro se conecta, como os processos neuroquímicos e hormonais acontecem, o tamanho de distintas estruturas neurológicas e mais frequentemente por impactos acerca do amadurecimento cerebral. Desta forma por meio da sua influência a respeito das estruturas biológicas, como o ambiente e o cérebro (físico e social) afetam o desenvolvimento dos processos de estimulação sensoriais, motoras, cognitivas de linguagem e socioemocionais.

O autismo é uma forma particular de funcionamento cerebral, não podendo ser considerado doença, portanto não há cura. O que podemos afirmar é que existem diversas formas de tratamentos psicoeducacionais e medicamentosos que favorecem maiores possibilidades para uma vida funcional, mesmo continuando na sua condição de pessoa com autismo. (BRAGA, 2020, p.27)

Vendo isto, compreendemos que não estamos fazendo nada de errado e que não depende de nós decidirmos se vamos ou não ter parentes com TEA. Ademais é necessário nos atualizarmos e assimilarmos que o autismo não é uma doença, não tem cura e não precisa. São vários tipos e níveis de autismo e muitas formas de procedimentos; não somos todos iguais e com os autistas não é diferente, o que funciona para um não funcionará para outro, não existe tratamento milagroso, mas a perseverança e a união da família com a escola certamente fará a diferença na vida das crianças com espectro.

2.3 Principais características do TEA e seus desafios

Prejuízos na comunicação social (fala, comunicação e interação social), presença de comportamentos com atividades e interesses restritos, repetitivos e estereotipados são as principais alterações observadas para se chegar ao diagnóstico para o autismo. A “diáde do autismo”, segundo o DSM-5 (2014), são elementos primordiais para que se observe o autismo em alguém, os demais sintomas evidenciarão maior ou menor comprometimento para esse quadro (BRAGA, 2020, p.27-28).

Ao falarmos sobre o TEA sempre surge a preocupação e curiosidade de como compreendê-lo para ajudar os/as pequenos/as se desenvolverem para a vida. Daí surge a necessidade de sabermos sobre as características do mesmo; todavia é interessante ressaltar que cada criança tem sua peculiaridade, jamais o autismo de uma vai ser igual da outra, pois a casos de TEA mais leves e outros mais severos.

Estereótipos de pessoas com autismo, como a maioria dos estereótipos sobre pessoas, ignoram o fato de que elas são muito diferentes umas das outras; não apenas no modo como o autismo se expressa, mas também em seus temperamentos, personalidades e competências subjacentes (WHITMAN, 2015, p.96).

Mas para que possamos ficar atentos/as iremos conhecer algumas características que rodeiam o transtorno do espectro autista, lembrando que é um conjunto de características para se observar, não podemos generalizar.

As crianças com TEA têm uma grande dificuldade de interação social, não conseguem interagir com outras crianças, ficam mais quietas, não gostam tanto do contato físico, de brincar com outras crianças, de compartilhar brinquedos e ficando muitas vezes com o brinquedo que são apegadas, geralmente quando é uma criança tímida com o tempo ela se solta, mas a com autismo isso acontece constantemente em sua rotina, mesmo que ela já conheça outras crianças não consegue interagir, diante disso é fundamental observar se esse comportamento se estende no passar dos anos.

A defesa tátil, por exemplo, pode manifestar-se por uma aversão a ser abraçado, usar certas roupas, caminhar sobre grama e/ou manejar determinados tipos de materiais. Alguns indivíduos exibem medo muito intenso em situações sociais, devido à sua hipersensibilidade tátil (WHITMAN, 2015, p.101).

Essas crianças tendem a fugir do que lhe assustam, por algumas ser sensíveis a determinadas texturas, por exemplo não conseguem andar com os pés descalços, outras não conseguem ficar com muitas roupas no frio, tem sensibilidade a alguns alimentos, superfícies; comem alimentos só de uma cor e muitas pessoas em um ambiente pode causar medo, ansiedade e angústia por não saberem entender o que as pessoas estão querendo falar, deixando assim a criança estressada e propicia até comportamentos indesejados. “Muitos dos prejuízos sociais que as pessoas autistas exibem têm sido atribuídos à sua incapacidade de

entender o que outras pessoas estão pensando e que as perspectivas de outros podem ser diferentes da sua”(WHITMAN, 2015, p.127).

Outra característica comum é a estereotipia, que é o movimento repetitivo, ou seja uma ação que a criança sempre faz com a mão, com o pé ou com o corpo todo, um exemplo é quando estão ansiosas e ficam se movimentando da frente para trás como se estivessem em uma cadeira de balanço, outra forma é quando batem a mão na perna. Idem a ecolalia que acontece quando a criança repete o que ouviu de outras pessoas ou desenhos, por exemplo: (Uma pessoa fala para ela: “Oi, tudo bem? Qual é o seu nome?”. A criança fala: “Oi, tudo bem? Qual é o seu nome?”) é outra característica.

Ela tem dificuldade na comunicação, por não conseguir verbalizar e ter um diálogo com outra pessoa, algumas crianças apresentam a ecolalia o tempo inteiro, não consegue responder o que lhe é perguntado, outras vezes as crianças que têm autismo leve conseguem conversar, porém repetem algumas coisas.

Não manter o contato visual ou ter dificuldade, é idem uma famosa característica no TEA, porém nem sempre isso acontece, mas quando alguém fala com a criança e ela não olha, ou quando olha rapidamente e tira o olhar pode ser sim que seja por causa do autismo. Vale acentuar, também, que a sensibilidade a sons é algo a observar, alguns chegam a incomodar bastante os/as pequenos/as, fazendo com que coloquem as mãos sobre os ouvidos, corram, chorem e se estressem. “Da mesma forma, a defesa auditiva envolve hipersensibilidade a determinados sons, como sirenes, condicionadores de ar, zumbido de fios de alta tensão ou certos tipos de música.” (WHITMAN, 2015, p.101).

O apego a rotina igualmente é algo assustador para os/as pequenos/as por gostarem de manterem a rotina de todos os dias; irem sempre à casa da avó pelo o mesmo caminho, comerem sempre a mesma comida, dormirem sempre o mesmo horário; eles/as costumam fazer tudo do seu dia exatamente igual e quando algo sai diferente ficam ansiosos/as e estressados/as; têm a necessidade de manterem a rotina que conhecem, isso faz com que se sintam seguros/as.

Quando precisam entrar ou mudar de escola isso é muito doloroso para eles/as, pois terão que se adaptar a uma nova rotina, assim fazendo com que rejeitem o novo ambiente, chorem e se joguem no chão.

Nesse sentido, as respostas linguísticas, motoras ou comportamentais apresentadas por eles serão também alteradas e sua capacidade de inibição para comportamentos inadequados (função executiva) poderá não funcionar de forma satisfatória que os levem a uma adaptabilidade coerente, causando assim comportamentos desorganizados e provocando desconforto para quem está a sua volta e a si mesmo. Isso nos faz afirmar que os autistas se desorganizam sem motivo aparente, mas esse inaparente é para nós e não para eles, pois sempre que isso acontece é porque alguma coisa é percebida e interpretada por eles como desconfortável e desorganizante (BRAGA, 2020, p.30)

Consequentemente os pais também sofrem, por isso a importância da terapia que ajuda a criança a entender sobre mudanças e a parceria da escola com a família para tornar esse ambiente mais prazeroso, fazendo assim que as crianças se sintam pertencentes, seguras e acolhidas nesse ambiente.

Os pais, médicos e pesquisadores notaram que bebês e crianças pequenas, posteriormente diagnosticados com autismo, muitas vezes exibem dificuldades precoces na alimentação autônoma, no vestir-se e na destreza manual geral, bem como atrasos na conquista dos principais marcos do desenvolvimento motor inicial

(p. ex., sentar, engatinhar e andar) (TEITELBAUM ET AL., 1998 apud WHITMAN, 2015, p.108).

Logo, entendemos que existe uma dependência grande dos pais, em relação às emoções e as tarefas do dia a dia, para se alimentarem, tomarem banho, se vestirem, entre outras, se não acontecer uma intervenção futuramente essas crianças sofrerão muito.

Quando os pais percebem essas características nos/as filhos/as ou recebem o diagnóstico em um primeiro momento, e assustam e não sabem o que fazer e como fazer. Mudar completamente a rotina, se adaptar a esse novo, requer muito esforço e dedicação, é difícil para eles terem que lidar com essa nova realidade, pois o maior objetivo será oportunizar uma vida segura e independente para suas crianças. Outro obstáculo é lidar com pessoas que por falta de conhecimento sobre o tema falam que as crianças com essas características são mal educadas, birrentas e que os pais não sabem educá-las e algumas com pouco entendimento generalizam o espectro, como: “Fulano é autista e não faz isso” ou “Não parece ser autista”, desconsiderado assim os conflitos e as lutas que as crianças e os pais passam diariamente.

Apesar de muitas vezes esse falso “achismo” generalizar todas as crianças autistas, há déficits centrais que estão presentes nos TEAS. Todavia, segundo Whitman (2015), ainda há discussões sobre o que são esses déficits e o que compõem.

Sigman (1994) descreve três critérios que têm sido empregados para definir o significado de um déficit central: especificidade, universalidade e primazia. A especificidade refere-se a características exibidas apenas por pessoas com autismo, mas não por crianças com outros transtornos. Embora a maioria dos sintomas associados com autismo não seja exclusiva deste transtorno, a configuração global dos sintomas é única e é usada para distingui-lo de outros transtornos. Universalidade significa que um déficit central deve estar presente em todos os indivíduos com autismo. Empregando-se este critério, as características gerais (p. ex., deficiências sociais e de linguagem) usadas para descrever o Transtorno Autista na definição do DSM-IV (American Psychiatric Association, 1994) seriam consideradas como características básicas (WHITMAN, 2015, p.96).

Recordando que essas características mudam de criança para criança, umas irão ter três características e outras mais; não é obrigatório que tenham todas, porém os desafios tanto para a criança quanto para os que convivem com ela é real e deve ser respeitado. “Sabe-se que essas características são bastante variáveis e que existem pessoas com autismo que apresentam graus de manifestação e severidade bastante diversos.” (MACAGNAN, 2020, p.181)

3 A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

3.1 A família e a importância da parceria entre escola e família

Para uma criança autista a adaptação em um espaço escolar como a sala de aula é mais difícil, pois elas já estão acostumadas com o conforto dos seus lares e com seus costumes; quando precisam ir para a escola e mudar a rotina acontece um conflito de emoções, as quais a criança não consegue lidar. Por esse motivo, é necessário buscar por estratégias que ajudem no desenvolvimento e nas habilidades desses/a pequenos/as, fazendo-se então necessário que os pais, professores/as e a escola como todo estabeleçam uma boa comunicação, e para que haja uma boa relação entre a escola e a família as crianças com TEA necessitam ser acompanhadas por algum especialista; embora que no Brasil não é toda família que tem acesso a equipe especializada para fazer o diagnóstico o que acaba retardando o atendimento que ela precisa para se desenvolver, destacando que o diagnóstico do autismo é muito difícil e que é direito da criança com TEA ter o acompanhamento pelos profissionais e eles são responsáveis pelo diagnóstico.

Por vezes, estes terapeutas trabalham diretamente com a criança em separado das outras crianças; outras vezes, trabalham com um pequeno grupo de crianças, ou com crianças e pais; e, por outras vezes, reúnem-se com os profissionais que aplicam uma intervenção continuada, em vez de trabalharem diretamente com a criança (ROGERS; DAWSON; VISMARA, 2012, p. 10)

É necessário destacar que a família precisa ensinar a criança a ter inteligência emocional, uma vez que quando elas aprendem a lidar com elas evoluem socialmente. De acordo com O Abecedário da Educação, “O desenvolvimento da inteligência emocional da criança é uma das habilidades fundamentais para o seu crescimento social” (COSTA, 2020, p.11)

É fundamental também que assim que a criança estiver matriculada na escola, a família converse com a mesma e com os/as profissionais da escola, para que quando a criança comece a frequentar esse novo ambiente consiga lidar com suas emoções, todavia será no contexto escolar que desenvolverá suas habilidades sociais, aprendidas com o convívio com os demais ali presente, contribuindo no desenvolvimento emocional; pois tanto a família quanto a escola são fundamentais nessa nova fase.

Como diz Costa (2020):

[...] uma vez que é no seio familiar que a criança autista tem o seu primeiro contato com os sentimentos e as emoções, através da verbalização e da sua demonstração na vida cotidiana de pais e filho, e que é na escola que aprende, através da convivência diária dos colegas e professores, a se relacionar com pessoas fora do convívio familiar (p.11)

Além de que a família deve levar a criança na escola em que ela vai estudar antes do início das aulas para que ela possa se familiarizar no espaço. Ao ir para o próximo passo, a sala de aula; a pequenez precisa de muitos estímulos visuais é preciso tarefas que desperte interesse na criança, e colocá-la em um local que tenha o mínimo possível de barulho.

Nesse contexto, cabe à escola elaborar métodos e estratégias para que crianças autistas possam desenvolver suas habilidades, se integrando de forma plena ao meio e interagindo com as demais crianças. A família pode auxiliar neste processo, sendo responsável por construir uma parceria com a ela, capaz de fornecer ao aluno autista os meios necessários para que ele se sinta seguro e confortável na escola. Uma

tarefa importante é dedicar algumas horas por dia para conversar com as crianças sobre as impressões deles sobre o espaço, sobre o que aprenderam etc. (ÂNGELO, 2021).

Na relação do/a docente com a criança, o/a professor/a tem que conquistar a confiança da mesma, o que não é fácil. O/a mesmo/a tem que mostrar que está ali para ajudar, e o diálogo com os pais junto com a comunicação vão ser seus maiores aliados, o/a educador/a precisa saber das necessidades e dificuldades da criança para ajuda - lá e usar uma linguagem clara, simples e objetiva, já que quem tem o TEA não entende tom de piadas e nem sentido figurado.

É preciso compreender que o ensino é uma das principais esferas a ser trabalhada no caso dessas crianças. Sendo assim, é preciso estar pronto para atender as solicitações desse público, flexibilizar o diálogo, estimular a interação e ampliar a qualidade do convívio escolar para toda comunidade (ÂNGELO, 2021).

Faz-se necessário usar materiais pedagógicos para que se desenvolva a coordenação motora dos/as pequenos/as e sempre incentivar a criança a conviver com os colegas, para mais estimular os responsáveis pelas crianças a trabalharem as habilidades com elas por meio de brincadeiras e tarefas do cotidiano, assim despertando independência, autonomia, linguagem, interação social entre outras.

Mesmo que a família e a escola contribuam muito para o desenvolvimento da criança com TEA é de suma importância que uma equipe de especialistas esteja por dentro do cotidiano das crianças, visto que todas as crianças que têm autismo apresentam características em comum como dificuldade de comunicação, interação e comportamento social, e na maioria das vezes apresenta comportamento rotineiro e repetitivo. Porém, o autismo vai afetar as crianças de maneiras e intensidades diferentes, dependendo de fatores como o grau de comprometimento, associação ou não, com deficiência intelectual e com presença ou não de fala. Alguns autistas podem ter dificuldade de aprendizado em diversas fases da vida, desde o estudo na escola, até desenvolver atividades simples do dia a dia.

Visto isto tanto a família como a Escola tem a oportunidade de tornar a vida da criança com TEA mais feliz e prazerosa, juntas podem dar autonomia tanto na vida pessoal quanto na vida escolar e no futuro acadêmica e profissional. As crianças com autismo são crianças como qualquer outra que necessitam de carinho, atenção, cuidado, aprendizagem e autonomia, o ambiente familiar é o que proporciona a linguagem, socialização e que vai ajudar na adaptação escolar e a responsabilidade dessas duas instituições é proporcionar a entrada e assegurar a permanência da criança na escola, com o objetivo de promover aprendizagem, colaborando para uma inclusão social.

Salientando que a intervenção precoce acontece com a parceria da família com a escola e que ela é importantíssima para que a criança tenha uma melhor qualidade de vida, familiares estejam atentos às suas crianças, escolas estejam preparadas e dispostas a atender essas crianças que precisam muito dessa união para poderem ser autônomas e independentes. Deixem marcas positivas na vida dessa pequenez que tanto pode fazer por esse mundo, o futuro está logo ali e eles fazem parte desse futuro e a educação em junção com a família pode transformar e mudar vidas e destinos. Temos vários exemplos de cientistas, atores, jogadores de futebol que são autistas e tem uma vida feliz e autônoma; o futuro dessa criança está em suas mãos, reflitam. “A escola deve focar em uma educação inclusiva para tornar o ensino plural e qualificado, além de favorecer a aprendizagem desses alunos autistas, que por vezes apresentam dificuldade de interação.” (ÂNGELO, 2021).

Para mais o amor, respeito, carinho, cuidado e entendimento tanto da família como da escola é importantíssimo, é preciso que a escola compreenda que sua responsabilidade vai além de uma sala de aula, de uma criança que tem que aprender a ler e escrever, sem levar em

consideração sua vida fora do ambiente escolar, suas necessidades, desafios. A família precisa urgentemente conversar mais com a escola e cobrar mais dela, chega de só aceitarem as crianças autistas e esperarem que elas se adaptem ao novo ambiente sozinhas ou quando não acontece de deixá-las de lado, em um canto sem compromisso nenhum em ajudá-las.

A pedagoga Collienfatiza que são necessários amor, carinho e respeito para que a relação da escola com a família frutifique.

“É sentir a dor e as dificuldades que as famílias encontram para fazer uma criança autista crescer e se desenvolver. Estar em contato com elas, ter uma interação com os especialistas que trabalham com a criança, estar pronta para mediar as atividades pedagógicas, incluindo o aluno com as devidas adaptações. Não existe uma receita. Os autistas são bem diferentes uns dos outros, mas precisam ser acompanhados de perto, insistindo até conseguirem o objetivo”, ensina (COLLI, 2019).

As crianças autistas precisam se sentirem seguras e acolhidas na Escola, por isso é tão importante que os profissionais ali presente sempre conversem com a família, conheça de fato a pequenez, seus gostos, desafios, medos, e que ajudem a sentirem capazes e participantes daquele local; manter a família informada do que acontece, dos avanços e dificuldades é dever da escola.

3.2 A escola e a preocupação com a qualificação dos/as docentes

A inclusão da criança com TEA no ensino regular depende muito do/a professor/ra que irá recebê-la, pois é o/ mesmo/a que poderá ajudá-la a se desenvolver melhor. O que nos faz questionar; qual é o papel do professor na inclusão da criança com TEA no contexto escolar? Será que a Escolas têm dado a devida importância para a qualificação desses profissionais?

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área (SANTOS,2008, p.9).

Visto isso percebemos o quanto a escola é importante na investigação do TEA, pois muitas vezes os pais por falta de conhecimento não sabem o diagnóstico da criança dificultando assim ainda mais sua entrada e permanência na escola; o ambiente escolar é o primeiro local de contato social longe da família, sendo assim a criança terá dificuldade para se ajustar; é aí que a escola deve entrar em ação, está preparada para receber toda e qualquer criança independente de diagnóstico, ter um olhar sensível para perceber o que se passa com a criança e assim conversar com a família para que tenha uma intervenção. Destacando que essa educação tem que ser no ensino regular; a inclusão tem que ser pensada incluindo tudo, não exclusivamente a criança no espaço escolar.

Tanto os pais quanto os professores são indispensáveis no desenvolvimento de uma criança com autismo. É preciso que tenham compreensão e saibam o que fazer, para isso tem que saberem sobre o assunto.

Sabemos o quanto é importante que o/a profissional da educação tenha uma qualificação continuada, pois só assim ele/a terá a capacidade de perceber, entender e ajudar a criança com TEA a desenvolver suas habilidades.

Um/a professor/a que depois de terminar a graduação não se atualiza mais e não procura se capacitar acaba tornando seu trabalho cansativo e a aprendizagem da pequenez menos produtiva. O Plano Nacional de Educação (PNE) - Lei nº 10.172/ 01 (BRASIL,2001) além de estabelecer a formação inicial, é fundamental que o/educador/ra tenha a consciência da necessidade da formação continuada e ter a noção que a inclusão começa dele/a , visto que é ele/aque sabe o que realmente acontece dentro da sala de aula.

No curso de formação o/a estudante de pedagogia tem total conhecimento dessa necessidade de capacitação, visto que é bem comum que em sua sala de aula venha a ter uma diversidade de crianças e que é dever dele/a alcançar todas elas, levando em consideração suas individualidades, todavia quando chegam ao chão da escola nem sempre tem esse incentivo, muitas vezes a escola prefere fazer competições de professores/ras, falar que o dever é somente deles/as ou contrata um/a cuidador/rapara a criança com TEA que precisa de apoio que não tem nenhuma qualificação, pois sai mais barato, desconsiderando totalmente a criança, não se importando com o seu desenvolvimento e descumprido a Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012 que dar direito a criança que tenha diagnóstico e necessite de ajuda um acompanhante especializado.

A escola precisa não somente ter uma boa relação com a família, mas deve dar apoio e suporte a seus profissionais, ao invés de só cobrar resultado dos/as docentes, precisa ser mais ativa e dar palestras, trazer profissionais para fazerem seminários sobre o assunto, oferecer cursos de capacitação e congressos, ou seja, é essencial que tenha eventos para conscientizar não somente o/ professor/ra, mas todos/as os profissionais ali presente; essa instituição precisa urgentemente investir na qualificação.

Compete então à instituição escolar receber as crianças e suas singularidades, assegurando a todos/as uma educação de qualidade, preparando os seus/as profissionais para atuarem com crianças autistas com o objetivo dessas crianças se desenvolverem em todas as suas particularidades. Sendo assim a inclusão de crianças com o Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar necessita muito do/a docente para vencer seus desafios e uma qualificação necessária na vida do pedagogo/a é a da inclusão.

3.3 A dificuldade enfrentada pelas crianças e os/as professores/as na aprendizagem e na inclusão das mesmas no contexto escolar

Quando falamos em inclusão o/a professor/ra é uma figura destaque, mas por o/a mesmo/ não está preparado/a para receber as crianças com TEA pelos motivos falado no tópico anterior, essa realidade faz com que tanto o/ a educador/ra se frustre quanto a criança e consequentemente a família.

A sintomatologia associada com o autismo apresenta um quadro de indivíduos com anormalidades sensoriais, motoras e cognitivas; que enfrentam sérios desafios, enquanto tentam se adaptar aos seus ambientes; que têm deficiência em recursos de enfrentamento, e que compensam suas limitações desenvolvendo formas incomuns de regular suas emoções e controlar os aspectos físicos e sociais do ambiente à sua volta. Embora o autismo seja um transtorno complexo, com muitas faces, ele representa, em última análise, um meio-termo alcançado pelos indivíduos que vivem em um mundo cujas demandas excedem suas capacidades convencionais de adaptação (WHITMAN, 2015, p.96).

Ao decorrer desse trabalho percebemos o quanto é difícil para as crianças autistas se adaptarem a uma realidade diferente da que estão acostumadas, se elas não conhecem a escola, no primeiro momento vai ser algo assustador para elas, visto que as mesmas têm dificuldades de socialização, comunicação, interação, cognitiva, aprendizagem e na maioria das vezes apresentam comportamentos repetitivos e rotineiros, não conseguem compreender

piadas, ironias, outrora não responde quando são chamadas, não gostam de locais cheios, não conseguem seguir regras, entre outras.

Devido aos atrasos importantes na linguagem e na comunicação social, muitas vezes o autista apresenta déficit em compreender seu entorno, o contexto das situações e dificuldade em comunicar suas necessidades e desejos, o que pode acarretar irritabilidade e desencadear diversos tipos de problemas de comportamento, podendo chegar, inclusive, à hétero ou autoagressividade(LIMA,2020, p.46).

São inúmeros desafios a serem enfrentados, todavia é um espectro muito amplo, cada criança com TEA tem suas peculiaridades, nem todas irão ter todas as dificuldades ou agirá igual, visto que se deve levar em consideração os níveis presentes nesse espectro; umas tem sensibilidade a texturas, sons, alimentos, outras já iram ter outras dificuldades.

Além do comprometimento de outras habilidades como atraso na linguagem e do desenvolvimento social, deficiências cognitivas, hipossensibilidade e hipersensibilidade, regulação deficiente das emoções, deficiências motoras grossas e finas, comportamentos estereotipados, obsessões e alterações no trato gastrointestinal (MOURA,2020, p.60).

Isto é, poderão ter dificuldades em executar tarefas, escrita, leitura, coordenação motora; contudo uma das maiores dificuldades é a falta de diálogo da escola com a família e os especialistas que atende as crianças.

Como elas muitas vezes não têm interesse em socializar ou brincar com outras crianças, acabam ficando sozinhas e isoladas, o apego à rotina deixa essas crianças irritadas se algo não sair como elas já estão acostumadas; na aprendizagem complica mais, pois são mais visuais, se algo não as interessa ou se tiver um barulho de fundo muitas não prestarão atenção e irão preferir ficar “no seu mundo”, além da dificuldade de concentração, é muito frequente que não entendam o que o/a docente está falando, principalmente se não falarem de forma clara e objetiva.

Pais e professores geralmente relatam que crianças com autismo têm dificuldades com a atenção em situações de aprendizagem. Embora elas possam ser facilmente distraídas e seu foco possa se desviar com frequência, sua atenção, paradoxalmente, às vezes, é capturada por sugestões irrelevantes à tarefa, nas quais se fixam por longos períodos de tempo(WHITMAN, 2015, p.117).

Do outro lado o/a professor/ra se ver muito angustiado/a por não conseguir entender o motivo dessas crianças não conseguirem participar da aula e se desenvolver da mesma forma das crianças típicas, em razão de se sentirem inseguros e não aptos em atender esse público, porquanto não têm qualificação em educação especial e nem apoio de outros profissionais na instituição.

O/a mestre necessita de uma orientação pedagógica de um/a coordenador/para que consiga exercer um bom trabalho, idem da equipe que atende a criança e caso ainda não tenha o diagnóstico a responsabilidade cresce, dado que será o/a educador/a que terá que observar o aluno em sala, para que possa contribuir para o diagnóstico, por esse motivo que destaco o qual fundamental a qualificação principalmente na inclusão.

“A inclusão de aluno no ensino regular, [...]desafia o professor da classe comum por exigir que adapte os recursos de ensino considerados tradicionais e formule estratégias em consonância com as características individuais do aluno autista” (SILVA, 2015, p.13).

Outra barreira enfrentada pelo/a professor/a é a do currículo que considera todas as crianças como "iguais" que todas aprendem no mesmo tempo; que os livros didáticos com perguntas e respostas prontas é a solução mais preparada e legal para que as

crianças aprendam, todavia sabemos que essa proposta não funciona nem para as crianças típicas quanto mais para as atípicas.

Todas as crianças têm capacidade de aprender e levam tempo e formas diferentes para que o aprendizado aconteça e isso não é diferente para as crianças com TEA, porém elas precisam de planejamentos e estratégias específicas para que o aprendizado ocorra e a escola além de ampliar a aprendizagem tem uma atribuição significativa no convívio social.

4 METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo de compreender o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os desafios escolares da inclusão, utilizamos a metodologia qualitativa descritiva, onde fizemos uso da pesquisa bibliográfica, através das visões de diferentes autores sobre o assunto em livros, artigos, sites no Google scielo e revistas, buscando entender o assunto através da leitura e das informações obtidas.

“Ler significa conhecer, interpretar, decifrar. A maior parte dos conhecimentos é obtida através da leitura, que possibilita não só a ampliação, como também o aprofundamento do saber em determinado campo cultural ou científico.” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p.14).

Dessa forma, visamos fazer essa pesquisa com o propósito de entender as necessidades contidas em uma escola regular e os desafios enfrentados pelas crianças com TEA, seus familiares e professores no contexto da inclusão. Posto isso, para Borba (2004) a pesquisa é o ato de explorar e estudar conhecimentos e catalogar os efeitos da análise.

Assim, a pesquisa qualitativa, de acordo com Denzin e Lincoln (2006) tem uma abordagem explicativa do mundo, ou seja, os exploradores estudam as coisas e seus aspectos naturais, com a intenção de entender os fatos, modos e significados dados a eles. Logo essa pesquisa se baseia sobretudo em análises qualitativas, por ter como desígnio oferecer ao leitor amostras de fatos à sua experiência (STAKE,2011).

Para tal finalidade foi usado a pesquisa descritiva, pois a mesma tem como objetivo descrever uma realidade sem modificá-la. Conforme Gil (1999), esse tipo de pesquisa tem a intenção de descrever características de determinado fenômeno, população, organização de relações entre variantes. Muitos estudos podem ser considerados de acordo com essa designação.

O que tornou tudo isso possível foi a pesquisa bibliográfica, pois como afirma: (LAKATOS; MARCONI 2001), todo trabalho científico ou pesquisa, precisa ter a base e fundamento bibliográfico, para que não se perca tempo com um problema que já foi explicado.Os mesmos juntamente com (CERVO; BERVIAN,2002) consideram esse tipo de pesquisa como uma coleta de dados secundária.

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contatodireto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 183).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Aqui iremos apresentar as concepções dos autores, no intuito de responder à questão problema: quais os desafios escolares da inclusão enfrentados pelas crianças com TEA?

A sintomatologia associada com o autismo apresenta um quadro de indivíduos com anormalidades sensoriais, motoras e cognitivas; que enfrentam sérios desafios, enquanto tentam se adaptar aos seus ambientes; que têm deficiência em recursos de enfrentamento, e que compensam suas limitações desenvolvendo formas incomuns de regular suas emoções e controlar os aspectos físicos e sociais do ambiente à sua volta (WHITMAN, 2015, p.96).

Percebemos então o quanto é difícil para as crianças com TEA ingressarem no ambiente escolar, visto que o desenvolvimento da fala nessas crianças é lento, anormal e até ausente, caracterizando-se pela repetição do que escuta ou pela substituição das palavras por sons. As crianças com autismo têm dificuldades de comunicação, de se adaptar em ambientes novos, em socializar, seguir regras, de lidar com suas emoções, entre outros.

Para mais, Lima (2020) destaca que por causa dos atrasos de linguagem e na comunicação, as crianças poderão também ter dificuldade em entender seu entorno, podendo assim não conseguir falar sobre suas necessidades e desejos, o que pode causar estresse e agressividade tanto para si mesmo como ao próximo.

Moura (2020) semelhantemente a Whitman e Lima fala do atraso da linguagem e do desenvolvimento social e deficiências cognitivas, motoras e que não sabem lidar com as emoções, mas idem destaca a hipossensibilidade e hipersensibilidade e os comportamentos estereotipados, obsessões e alterações no trato gastrointestinal. Whitman (2020) ainda salienta que a pequenez autista tem comportamentos paradoxais, fazendo com que ignorem completamente seu ambiente ou mude o foco de atenção rapidamente.

“Características da atenção, como evitar olhar nos olhos, tendência a olhar para objetos usando a percepção periférica e “falta de vontade” para dividir a atenção com outras pessoas são exemplos específicos desses mecanismos de enfrentamento” (WHITMAN, 2020, p.118).

Além das características do Espectro do Transtorno Autista serem um desafio para as crianças, a escola não está apta para recebê-las, tornando assim a vida dessas crianças mais difícil. Ângelo (2021) destaca que a escola tem de ser focada na educação inclusiva para que favoreça a aprendizagem das crianças que têm dificuldade de interação.

Segundo Santos (2008) quando a escola recebe essas crianças, por falta de entendimento, não sabe reconhecer as características e acaba confundindo o comportamento delas com falta de educação e limites, afirma que os profissionais da educação não são aptos para lidar com crianças autistas.

A escola não pode negar a entrada dessas crianças na mesma, como consta no art. 7º da LDB já mencionado neste trabalho, porém não se preocupa em qualificar seus/as educadores/as e nem em ter uma parceria com a família; visto no decorrer deste trabalho que é importantíssimo para o melhor desenvolvimento das crianças, pois como declara Costa (2022) com a família que a criança autista tem seu primeiro contato com as emoções e que é na escola que vai aprender a conviver com outras pessoas de fora do seu convívio.

As manifestações decorrentes do autismo podem levar ao sentimento de rejeição por parte de quem não conhece as características desse transtorno. Por isso, os desafios de trabalhar com um aluno autista são grandes, necessitando de bastante conhecimento e preparo para seu acompanhamento. Além de formação acadêmica, a

sensibilidade e a perspicácia do professor são extremamente importantes para aprender o compreender e trabalhar com o aluno autista (OLIVEIRA, 2020, p.3).

Posto isso, a escola deve pensar na inclusão como um todo, não apenas na garantia da entrada da criança autista no ambiente escolar, mas na permanência eficaz com estratégias para que de fato tenha a inclusão, fazendo com que essas crianças percebam que o novo ambiente que elas iram está possa ser favorável e agradável e para isso necessita que os/as professores/as ali presente tenham a qualificação adequada e constante para que assim promovam uma aprendizagem que vá além da sala de aula, mas que juntamente com a parceria família e escola possam formar cidadãos independentes e eficazes para o futuro.

Vislumbra-se que as práticas pedagógicas que têm apresentado melhores resultados em relação à pessoa com autismo são aquelas fundadas em situações dialógicas, visando a uma inclusão deste aluno em um contexto educacional que humaniza e valoriza sua individualidade (MACAGNAN, 2020, p. 181).

Diante dessa circunstância, a qualificação dos/as professores/as determina a superação dos desafios enfrentados pelas crianças autistas no contexto escolar, assim a escola deve desenvolver políticas públicas para formação dos/as mesmos/as, pois a educação inclusiva requer uma nova figura do/a educador/ra, onde eles não vejam essas crianças como que não sabem nada e que não podem aprender, mas que ganhem a confiança das mesmas e que se interessem pelo o que gostam, para que assim ajudem no desenvolvimento delas, além de manter sempre o contato com os familiares e especialistas para melhor saber lidar com a pequenez.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa bibliográfica mostrou os muitos desafios que as crianças com TEA enfrentam quando chegam ao ambiente escolar. No que se refere aos desafios, compreendemos que tanto as crianças como seus familiares e professores sofrem as consequências de uma “falsa” inclusão. Esse trabalho revela o quanto é importante a parceria da família com a escola.

Visto que os autistas têm dificuldades em se adaptarem em novos ambientes e que mantê-los na escola é um grande desafio, é fundamental que a escola esteja preparada para recebê-los e que os/as professores/as tenham uma boa qualificação para que realizem atividades que estimule o desenvolvimento, a atenção; que façam o uso de uma linguagem clara e objetiva (autistas não entendem piadas e gostam de entender tudo o que é falado), que utilizem abordagens sensoriais (é comum que eles tenham uma de suas competências mais apuradas do que as outras crianças, podem ser sensível ao barulho, não gostar de alguma imagem ou de algum cheiro e não se pode forçá-los ao contrário, dar total atenção as habilidades do aluno autista, trabalhando com o que ele é apto a fazer), trabalhem com jogos e brincadeiras, evitando atividades compridas, estimulando o vínculo afetivo entre a criança autista e seus colegas, sempre incentivado irem mais além (reconhecendo e valorizando o desempenho). Entendemos que compreender as dificuldades de aprendizagem de crianças autistas na sala de aula é de suma importância para que esse/as alunos/as possam se desenvolver tanto no contexto escolar, quanto na vida pessoal e futuramente profissional e para mais que a família é uma grande aliada da escola nesse processo

Vale destacar que a criança deve estudar em uma escola regular, para isso é de fundamental importância que a escola os trate normalmente, tentando entendê-los e oferecendo tratamento em todas as áreas que precisem.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV.** 4 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V.** 5. ed. Porto Alegre: Techbooks, 2014. 948 p. ISBN 9780890425558

ÂNGELO, J. S. **O papel do professor na inclusão do aluno autista.** Núcleo do Conhecimento, 12 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aluno-autista>>. Acesso em: 26 out. 2022.

AUTISMO E REALIDADE. **O que é autismo? Marcos Históricos.** Disponível em <<https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/#:~:text=O%20termo%20autismo%20foi%20criado,fundamentais%20da%20hist%C3%B3ria%20do%20autismo>>. Acesso em: 25 out. 2022.

BORBA, F. S. (Org.). **Dicionário UNESP de Português Contemporâneo.** São Paulo: Editora Unesp, 2004. 1.470p.

BRAGA, W. C. Desvendando o autismo: mitos e verdades. In: SITA, M. **Autismo: um olhar por inteiro** (Coord.). São Paulo: Literare Books Internacional, 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001.** Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm>. Acesso em: 15 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 21 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 21 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020.** Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113977.htm>. Acesso em: 20 set. 2022.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COLLI, I. Os desafios da inclusão escolar da criança autista. IsaColli. Disponível em: <<https://isacolli.com/os-desafios-da-inclusao-escolar-da-crianca-autista/>>. Acesso em: 22 de out. 2022.

COSTA, K. S. C. L. O Transtorno do Espectro Autista e o desenvolvimento da inteligência emocional. O autismo por si mesmo. **Revista Notícias Construir**, ano 20, ed. 111, mar./abr. 2020. Disponível em: <<https://www.construirmoticias.com.br/o-transtorno-do-espectro-autista-e-o-desenvolvimento-da-inteligencia-emocional/>>. Acesso em: 22 de out. 2022.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, 15-41.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 2, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jped/a/mzVV9hvRwDfDM7qVZVJ6ZDD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22 de out. 2022.

JÚNIOR, E. Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo. **ONU News**. 02 abr. 2017. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2017/04/1581881-oms-afirma-que-autismo-afeta-uma-em-cada-160-criancas-no-mundo>>. Acesso em: 25 out. 2022.

JÚNIOR, F. B. A.; KUCZYNSKI, E. **Autismo Infantil: Novas Tendências e Perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2015. 345 p. ISBN 978-85-388-0667-7.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4. ed. São Paulo: ATLAS S.A., 1992. 2012 p. ISBN 85-224-0859-9.

LIMA, L. G. Gerenciamento de comportamentos disruptivos no Transtorno do Espectro do Autismo. In: SITA, M. **Autismo: um olhar por inteiro** (Coord.). São Paulo: Literare Books Internacional, 2020.

MACAGNAN, C. F. Planejamento educacional individualizado para alunos com Autismo. In: SITA, M. **Autismo: um olhar por inteiro** (Coord.). São Paulo: Literare Books Internacional, 2020.

MOURA, C. Do filho imaginário ao filho real: o (des)ajuste do núcleo familiar após o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). In: SITA, M. **Autismo: um olhar por NeuroConecta. 10 mitos e verdades sobre o autismo**. Disponível em: <<https://www.construirmoticias.com.br/10-mitos-e-verdades-sobre-o-autismo/>>. Acesso em: 25 out. 2022.

OLIVEIRA, F. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Educação Pública**, p. 4, 2020.

PAIVA JÚNIOR, F.EUA publica nova prevalência de autismo: 1 a cada 44 crianças, com dados do CDC. **Canal Autismo**, 2 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.canalautismo.com.br/noticia/eua-publica-nova-prevalencia-de-autismo-1-a-cada-44-criancas-segundo-cdc/>>. Acesso em: 25 out. 2022.

ROGERS, S.; DAWSON, G.; VISMARA, L. **Autismo: compreender e agir em família**. Lisboa: Lda, 2012. 341 p. ISBN 978-989~752.1324.

SANTOS, A. M. T. **Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar**. 36 f. 2008. Trabalho de Conclusão de curso (Especialização em Distúrbios de Aprendizagem) - CRDA - Centro de Referência de Distúrbios da Aprendizagem, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/1588295-Ana-maria-tarcitano-dos-santos-autismo-desafio-na-alfabetizacao-e-no-convivio-escolar.html>>. Acesso em: 21 de out. 2022.

SILVA, I. A. S. **O Papel do professor frente aos desafios da inclusão**. 32 f. 2015. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15752/6/2015_IsaildeAlvesDosSantosSilva_tcc.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

SILVA, Z. Editorial. O autismo por si mesmo. **Revista Notícias Construir**, ano 20, ed. 111, mar./abr. 2020. Disponível em: <<https://www.construirnoticias.com.br/editorial-111/>>. Acesso em: 22 de out. 2022.

SITA, M. **Autismo um Olhar por Inteiro**. São Paulo: Literare, 2020. 371 p.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

Uol VivaBem. Relação entre níveis de estrogênio no útero e autismo. **Portal Uol**, 29 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2019/07/29/estudo-descobre-relacao-entre-niveis-de-estrogenio-no-utero-e-autismo.htm>>. Acesso em: 5 out. 2022.

WHITMAN, T. L. **O desenvolvimento do autismo**. São Paulo: Ltda., 2015. 635 p. ISBN 978-85-7680-316-4.